Curar é apenas um detalhe em meio a tantas tarefas que envolvem a atividade médica, um campo em que certezas têm tantas vezes um lugar duvidoso e em que dúvidas costumam, com alguma freqüência, ser a única certeza disponível. Muitas doenças são incuráveis, levando inexoravelmente à morte (a mais comum delas chama-se "vida"). Conduzir o paciente por essa caminhada fatal é uma tarefa dolorosa, difícil e pouco compreendida. Gera ansiedade tanto no paciente quanto no médico, esse confrontado com a impotência inerente à sua tarefa e que tanto o desagrada, pois traz à sua consciência o fato de que não é Deus. E é justamente por isso que é a tarefa na qual mais oportunidade ele tem de desenvolver a noção do humano, de solidariedade, de compaixão. Poucos médicos têm o preparo para exercer essas funções."

Segundo este trecho do artigo "Uma Aula de Medicina" do Dr. Luiz Roberto Londres, do Rio de Janeiro, extraído da publicação Hospital Geral em Revista, é possível perceber o dilema em que se encontra a prática médica na atualidade. Reforçando esta idéia acompanhe o parágrafo a seguir do Prof. Dr. Genival Veloso de França, da Paraíba, no texto "Como proceder diante da alegação de erro médico": O pior de tudo é que as possibilidades crescentes de queixas contra a má prática já começam a perturbar emocionalmente o médico, e que a sociedade passou a entender que isso vai redundar no aumento do custo financeiro para o profissional e para o paciente. Além disso, também se começa a notar, entre outros, a aposentadoria precoce, o exagero dos pedidos de exames subsidiários mais sofisticados e a omissão em procedimentos de alto risco, contribuindo mais e mais para a consolidação da "medicina defensiva". Essa posição de defesa além de constituir um fator de diminuição da assistência aos pacientes de maior risco o expõe a uma série de efeitos secundários ou o agravamento da saúde e dos níveis de vida do conjunto da sociedade.

O assunto Medicina Defensiva volta à pauta nos Estados Unidos, quando um novo estudo com médicos da Pensilvânia foi publicado no Jornal da Associação Médica Americana (JAMA), em que os pesquisadores encontraram essa prática para evitar uma ação judicial, nas seguintes proporções: 93% dos entrevistados praticam a medicina defensiva; 92% deles realizam testes e procedimentos diagnósticos que não precisariam ser feitos e requisitam exames desnecessários; 42% disseram que "tomaram providências para restringir sua atividade nos 3 anos precedentes, incluindo a eliminação de procedimentos propensos a complicações, tais como cirurgia de trauma, além de evitar pacientes que tivessem problemas médicos complexos ou quando percebidos como litigiosos.

O estudo foi conduzido e co-escrito por peritos em atendimento de saúde e na lei, caso dos Srs. David M. Studdert, L.L.B., Sc.D., M.P.H., da Escola de Saúde Pública de Harvard, e William M. Sage, M.D., J.D., professor de Direito da Universidade de Columbia, principal pesquisador do Projeto de Responsabilidade Médica na Pensilvânia. Para eles a medicina defensiva é "um desvio da prática médica sensata, induzida principalmente pela ameaça de processos por negligência profissional".

Os estudos de imagem são freqüentemente caros, mas os custos financeiros da medicina defensiva são somente parte do problema, como os pesquisadores enfatizaram: a mais freqüente forma de medicina defensiva, que requisita exames caros, parece meramente desperdiçadora, mas outros comportamentos defensivos podem reduzir o acesso ao tratamento e mesmo confundir os riscos de dano físico. Nas áreas da obstetrícia e na detecção do câncer de mama como são campos de elevada responsabilidade, a saúde das mulheres pode particularmente ser afetada. As ações judiciais fazem quase o impossível para que os fornecedores no atendimento à saúde equilibrem os interesses de todos os pacientes; alguns realizam exames desnecessários para se precaverem somente de uma condição remota, enquanto outros com incontestável necessidade têm problemas para fazer estes exames complementares. Todos pagam um custo mais elevado por causa da medicina defensiva.

Para os pesquisadores a solução é fazer uma medicina de confiança e justa, de modo que os médicos saibam o que é necessário para se encontrar